

## MELDRE

*Brenno Andrade Junior\**

Praia e brancos casarões...

Quantos arcos há em Meldre! Muitas vezes, de costas para a praia eu os observava a pontuar o caminho do leste. Havia os passos das pessoas, cheios do calor que, por lá, amortece os movimentos e com eles, parece, os sons. Como um imenso templo a céu aberto, semi-inundado, obra-prima de um barroco esquecido, assim eu a via. Tudo me lembrava um sonho, mas eu hesitaria em dizer que, ao contrário, eu não estivera sonhando até então.

Eu acreditava em fatos, no que chamava realidade; talvez também acreditasse em prazeres, pois cheguei a Meldre como quem abre um jornal. Tu, porém, vieste do mar, e andavas sob o sol qual uma menina à frente de seu pai. E isto me causou a estranha sensação de eu mesmo ser real.

Olhaste-me desde algum lugar distante. O que verias? Nunca, após, ousei perguntá-lo, nem nos momentos em que te entregavas ao silêncio, terra na qual reinavas.

Naquela noite – pois enquanto te afastavas, escureceu – te sentaste sob um dos três arcos da Joralda. Um fio, se alongando entre o exterior e o interior de minha pele, entre o presumido e o real, estancou numa tensão de elástico esticado. Se se soltasse eu iria até ti.

Mulher com a madura dor dos trinta anos, cuja pele sabe o toque dos perfumes, cujos lábios provaram a linguagem de muitos beijos, mulher que aprendera a amar, meus olhos em ti se ancoraram. Em tuas baías meus medos se mediram, enquanto demônios voavam por detrás de antigas ruínas, obsoletas imagens de um passado salgado.

---

\* Médico homeopata.

Teus pés haviam marcado a areia que acolheu meus primeiros passos de amante. Longa, porém, era a jornada.

Assim comi do bacalhau e bebi do vinho servido de grande altura por um braço de velho, como um braço de mar, ou de mãe.

De repente me meti em escuras alcovas, coletando flechas que as ameias haviam deixado de lançar, por morte ou abandono. E pensei: “o que é mais apaixonado, o crime ou o silêncio?”. Tudo vãos, passagens sem retorno.

Lembro-me de uma vez, sitiado, a pontada aguda do medo a alisar a seta incumbida de silenciar os segredos, e com eles os soluços, talvez. Quantas almas ali, quem sabe, sobreviveriam à força? Quantas suportariam o Êxodo, o primeiro degelo da primavera? Belligerantes rumores esses, que não adentram os corações, vozes de biliosas senhoras a engordarem as janelas solitárias dessas ruas.

Ruas, bela palavra sem sentido.

Não. Já não me lembro mais. Retomo o copo de vinho e o tempo sumiu. Onde estás, afinal? Será que pelo menos uma vez me olhaste do mesmo modo como olhavas as gaiotas ou o último barco a voltar do mar? Tua indiferença contrastava com as cores agitadas do fim de tarde e com as nuvens loquazes. Quando dei por mim já não estavas, e a praia era uma grande nave esquecida.

Pela janela há um terraço, depois o mar, depois a noite, e para além de tudo há a saudade que se insinuou em meu coração que, de temerário, só fez andar pela praia e agora não consegue adormecer.

Adormeci afinal, vencido ao tentar inutilmente imaginar se me terias. Doí-dos pensamentos sem prudência e sem pudor, quantas mentiras não arquitetastes? E não foste tu que, suave, os repreendeste com tua ausência?

Acordei num sonho. Nele usavas um chapéu de palha e o corpo nu. A praia ia longuíssima, necessário prolongamento de meu desejo...

A manhã, que a tantas desventuras assiste, não te viu passar porém.

Adoro escadas como as que desço agora, escorregadias, iminentes, indisfarçáveis. Assim eram meus olhos a te procurar por entre as ruelas de peque-

nos negociantes que a peso de ouro entornavam o tempo de turistas em vagas garrafas de champanhe. O calor amarelecia a fina névoa a visitar os cantos das janelas e injetava nas órbitas dos viajantes um desejo arredondado.

Não farias compras aquela tarde? Nem errarias por entre os gritos dos bazares e o riso dos desocupados? Arcos cujas paredes brancas sem adornos exauriam o bom-senso, bordas do labirinto onde te esconderas, onde tudo era sinal ou intenção, onde mãos inocentes haviam deixado de existir...

Outra noite, outro vinho, outros olhares indiferentes. E as ruelas de pedra, sonolentas na claridade amortecida dos lampiões. Uma porta se fechou bruscamente e acreditei ouvir passos de amante, tristeza para quem passa solitário. Baladas ecoadas aos pátios de antiga Espanha, escorrendo pelas dobras dos lençóis.

Havia lançado sementes ao chão, história que eu colheria. Eras mesmo bela, alquimia que me impregnava o ser, transformando-o em ave de rapina.

Rústicos arcos da Meldre cigana, ruas tão reais e pedras! Colinas que se aproximaram uma vez, timidamente, e se deitaram ao largo quando o mar não as enxotou, como cães ao lado de seus donos. Cabalística geometria disfarçada em chance a permear a vida de artesãos e pescadores.

O que iria eu te oferecer se só havia ali a brisa e as falas cotidianas a se perderem no cansaço de um dia de trabalho e sol? As cestas, tão úteis a quem sobrevive, o que poderiam conter desse sentimento que de mim escapava? Os santos e seu barro, o que poderiam abençoar dessa volúpia que me eriçava a pele entre brancos linhos amarrotados? Os pães, ázimos e caseiros, como poderiam alimentar essa languidez que me envolvia no eterno miasma daquela terra? As candeias de madeira, tão graciosas, bastariam a iluminar o futuro imprevisível que se atirara em meu caminho, qual o mais vil dos ladrões?

Os cantos da cidade, tão cheios de segredos e tão faladores, esses insistiam em esconder-te. Não queriam te contar dos estalidos que em minha alma empedernida teus passos haviam provocado.

Apressei-me inquieto até virar uma esquina e, de repente, te encontrar a remexer os temperos de um velho mercador. Escolheste um pó escuro, de acre odor, e me olhaste com os olhos da praia, não mais distantes, mas profundos, como se da terra houvessem adentrado o mar. Agora não eram mais as ruas capazes de contornar nossos desejos, nem os odores podiam ainda distrair nossos sentidos excitados.

Rápida tomaste do pacote e caminhamos juntos pela praia em direção ao sol. E a cidade era como um sonho de que se quer lembrar.

Teria eu já alguma vez sentido minha pele grudar na tua ou ouvido o teu gemido? Já acordara antes em teus braços nesse mesmo quarto avarandado?

Teu corpo marinho sobre a cama e teus olhos, entre suaves e severos; a tarde, a parábola do horizonte – tudo conspirou, ou foi conspirado. Aí nos beijamos, bocas que escaparam à noite.

Uma estrela desenhou no céu e o mundo se refletiu na brancura de suas paredes. De nosso refúgio vi Aldebarán, agora solitária de minha companhia, abandonada como vela caída ao mar da última praia, e que ninguém recolhe. Ronda como cão ou louca, buscando o que a liberte a outros céus.

Silhuetas numa janela aberta aos arcos da bela Meldre...

Deseja mais amigos?

## SETE VIDAS

*Mucinho Lourenço\**

Morri convicto de que esse negócio de reencarnação era bobagem.

Hoje, devo ceder aos fatos.

A própria existência deste texto prova que eu estava errado.

Cá estou novamente, agora acostumando-me à idéia de ser completamente peludo e de articular todas as variações possíveis da palavra *miau*.

Pois é, amigos, aprendam mais esta: escritores voltam a este mundo como gatos. E não me perguntem o porquê deste novo formato. Entre o fatídico instante em que minha versão humana se foi e a tomada de consciência de que sou um felino, nada me foi explicado. Nada de anjos, guias, carontes e (sem querer roubar-lhes o chão) nada de Deus, ser superior, essas coisas. Foi como dormir homem e acordar gato; aquela situação kafkiana de amanhecer transmutado sem maiores esclarecimentos. Foi assim.

Demoro no mesmo bairro de antes (ainda que os tempos sejam outros), a velha e boa Freguesia do Ó. Meus antigos quintal e casa viraram, de início, um grande estacionamento e, mais recentemente, após uma mui rápida construção, um templo evangélico. (Notem que o fenômeno da ressurgência afeta, de modo igualmente sem sentido, as coisas não-vivas.)

Em vão, pois, procurei alguém conhecido. Um nome, um rosto, um tipo, nada. Meus parentes e amigos de outrora morreram todos – ou encarnaram em outras bandas, para ser mais correto.